



Rede Ibero-Americana de Educação em Direitos Humanos e para a Cidadania Democrática

OEI 75

Educação ética: uma aposta na convivência democrática

Ángel Gabilondo



Perspetivas ibero-americanas:

A educação para a convivência democrática e a promoção dos direitos humanos



“Educar na ética do acordo é a base da formação democrática. O diálogo não é a substituição do que se pensa pela mera posição do outro, mas a busca reiterada daquilo que é comum e do que se pode diferenciar.”

Ángel Gabilondo.
Provedor de Justiça de Espanha



Já vivemos em uma época em que falar de convivência e harmonia gerava uma grande comoção. Hoje não falta quem relacione esses termos simplesmente a algo bem-intencionado.

De qualquer forma, eles teriam mais a ver com os espaços da medida, que não é mediocridade nem mediania, mas sim moderação, que não é simplesmente um meio-termo, mas uma modalidade de bravura e coragem.

A educação fundamenta-se em estar disposto a deixar-se ensinar algo e não acreditar que já sabe tudo e melhor do que os outros. Isso se contrapõe ao partidarismo, ao sectarismo e ao dogmatismo, causa e fruto da má educação, cujo horizonte é o confronto em todas as suas formas, até mesmo a violência mais explícita.

A democracia é um acordo e é no acordo que ela tece sua legitimidade. As constituições devem ser, de uma forma ou de outra, grandes pactos. E a ação educacional consistente exige um acordo, não o mero ativismo legislativo. O acordo precisa ser construído. Não se trata de acreditar que nos deparamos com ele como se estivesse esperando nossa chegada, impassível e já pronto, e muito menos de usá-lo como um aríete contra outras posições. É uma questão de moldá-lo, de fazê-lo juntos, de criá-lo. Não é a imposição de uma vontade dominante.

Educar na ética do acordo é a base da formação democrática. O diálogo não é a substituição

do que se pensa pela mera posição do outro, mas a busca reiterada daquilo que é comum e do que se pode diferenciar. É claro que isso exige esforço e paciência, e que esse esforço e essa paciência são uma dimensão da ética que devemos experimentar, viver e aprender. Não é uma mera renúncia às próprias convicções, mas uma forma de construí-las, já que o bom consenso é transformador e até inovador.

Poucas palavras foram tão manipuladas quanto a palavra ética, muitas vezes usada como uma forma morna de moralidade, considerada como uma simples disposição íntima da consciência, quando na verdade ela está centrada em um comportamento baseado não só no reconhecimento do outro, mas também na criação de condições e espaços para a justiça e a liberdade.

Trata-se de levar o outro em consideração, seja para se opor ou para compor com ele, com ela. É relação, não mera ação. Nesses espaços, é possível ser um membro ativo e de pleno direito de uma comunidade e, sem essa condição, tudo é terreno fértil para a indiferença, o individualismo, o egoísmo e a solidão.

Por isso, a melhor educação ética é a convivência com outros, com outras, diversos, diferentes, construindo uma igualdade inclusiva de direitos em comum. Só assim a comunidade e a comunicação são possíveis. Não é questão de tentar tornar idêntico o que é diferente, mas de



buscar a semelhança a partir da qual se pode diferenciar. Pois é somente na comunidade que se pode ser diferente. Fora da comunidade, somos indiferentes. Trata-se de configurar âmbitos de convivência, o que não significa nem homogeneidade nem uniformidade.

claro. Mas sem cultura e educação não haverá nenhuma possibilidade de alcançar a equidade, a base do bem comum, que perseguimos. A educação e o conhecimento, sendo também o objetivo primordial das universidades, devem gerar a capacidade de responder aos grandes desafios globais das sociedades do século XXI: energia sustentável, mudança climática, saúde,

“ a melhor educação ética é a convivência com outros, com outras, diversos, diferentes, construindo uma igualdade inclusiva de direitos em comum. Só assim a comunidade e a comunicação são possíveis. ”

A ética é uma experiência, um modo de viver, a configuração de um espaço e um modo de vida, não uma simples disciplina ou uma mera atitude para formar uma sociedade de espectadores. Não é pura assimilação para se render à autoridade do homogêneo, é mais do que integração, é incorporação, como destacamos, de pleno direito. Paul Ricoeur considera que “o político prolonga o ético, dando-lhe uma esfera de ação”. É por isso que a ética da política consiste na criação de espaços de justiça e liberdade.

Assim como só se aprende a nadar nadando, só se aprende a participar participando. E a conviver convivendo. Finalmente, educar-se é inserir-se em uma comunidade. E aprender a viver e a crescer nela, a fazer os outros crescerem, a participar, a fazer parte dela e a assumir responsabilidades. Seja na sala de aula, na família, em uma associação, em um país ou em um ambiente de amizade. O próprio Homero ressalta: a verdadeira escravidão é a falta de fraternidade, de lei e de lar. E acrescentamos agora, não há verdadeira liberdade sem eles.

A tarefa é complexa e difícil. A miséria, a ignorância, a pobreza, a dor e o sofrimento dos seres humanos só podem ser combatidos a fundo com cultura e educação. Não apenas com eles, é

água, alimentação, emigração, luta contra a pobreza, assim como opor-se aos conflitos que fazem das guerras a forma de dizer que aniquila a palavra justa, que é mais do que a ausência de guerras e que dá um conteúdo concreto à palavra paz.

Também é difícil não sentir um certo pudor, algum constrangimento e um profundo mal-estar ético diante da situação de desamparo em que tantas pessoas se encontram, como se isso fosse independente de nossa sensibilidade, ou de nossa vontade, ou melhor, da falta delas.





Não é casual nem indiferente à nossa ação ou negligência. Tampouco é acidental ou lateral, mas responde a toda uma maneira de proceder e de nos organizarmos pessoal, institucional e estruturalmente. E de concebê-lo.

O mal denominado “realismo” diz: “e o que podemos fazer?”, “a vida sempre foi assim”, é “assim que as coisas são e pronto”. E que qualquer projeto de transformação é inviável e ingênuo. Mas não é verdade que não há nada a fazer.

A dignidade inalienável e a singularidade insubstituível fazem de todos e de cada um, de todas e de cada uma, alguém com pleno sentido. E educar nessas características é fundamental. A autonomia, como capacidade de escolher livremente com condições de possibilidade, também de respeitar e ser respeitados, de ser livres e iguais, baseia-se em uma permanente

“ A ação individual é tão indispensável quanto insuficiente. A democracia precisa ser ética, para dar uma dimensão humana, de seres humanos, ao que fazemos e dizemos, ao que vivemos. ”

postura ativa contra a iniquidade e a favor da não discriminação, por dignidade ética, que cria espaços de justiça e liberdade. E isso exige, para começar, igualdade de oportunidades.

Dizer que há muito sofrimento é um eufemismo. Há homens e mulheres bem concretos, muito específicos e singulares que sofrem. Cada qual, à sua maneira, depara-se com a dor e o sofrimento na vida, mas há aqueles que o vivem constante e insistentemente, cujas vidas são tecidas e entrelaçadas por uma situação permanente de sofrimento. E eles são recebidos

com muita indiferença. Em qualquer caso, só quem ainda não nasceu, nunca experimentou dor ou sofrimento.

O estado de necessidade é agravado quando se percebe uma situação de injustiça. E então o sofrimento se instala na existência diária, e é uma questão de saber se o desânimo não se torna desespero.

É ainda mais inquietante considerar que vivemos em um mundo que produz quase sistematicamente dor e sofrimento. E, se for preciso, alimenta essa dor e esse sofrimento, principalmente com a pobreza. E, se possível, com a solidão. Parece que estamos empenhados em gerá-los, como um efeito colateral, dizem. Não exatamente com nossa intenção. Basta que seja com nossa ação. Ou com nossa passividade. É preciso um olho ético, um olhar ético.

A preocupação agora é maior porque esse estado de necessidade está se aproximando ou chegando até nós. Mas, de qualquer forma, o sentido e a direção de nosso olhar são sempre decisivos. E, não é raro que simplesmente não tenhamos visto, nem mesmo notado, nem reagido.

Daí a importância da educação do olhar, de uma visão que não seja parasitária, de uma visão que esteja envolvida. A dor e o sofrimento também oferecem sua escala de valores, que, sem dúvida, evidencia o que parece ser proposto a partir da ilusão de um mundo prazeroso que não olha nem vê, que vai satisfazendo necessidades. E condiciona de tal modo que cada instante, cada situação e, especialmente, cada desejo, impregnando-se e constituindo-se nesse resquício insistente de negligência que acaba por ser abrasador.

A chave é a proximidade, a companhia, a palavra e a intervenção próximas daqueles que mostram, por meio de sua participação e ação, que são importantes. A educação ética deve nos convocar à proximidade. Mas não menos importante é o encorajamento oferecido por



“A educação garante o futuro da democracia porque, como acontece em todas as sociedades, é também o meio de transmissão de valores entre gerações.”

aqueles que enfrentam de maneira profunda as causas do sofrimento. A ação individual é tão indispensável quanto insuficiente. A democracia precisa ser ética, para dar uma dimensão humana, de seres humanos, ao que fazemos e dizemos, ao que vivemos. No entanto, em algumas ocasiões, o sofrimento é silencioso. Parece até mesmo não ter rosto e nem olhar. O outro está como se estivesse ausente, enclausurado ainda mais em seu sofrimento. Sem visibilidade. Só encontramos indícios e sintomas. E um ar de enxofre contamina tudo.

A dor e o sofrimento espalham seus tentáculos com a mesma eficácia com que o sangue se ramifica pelo corpo e a ânsia de viver não se esgota nele. E o que para Julia Kristeva são As novas doenças da alma permitem reescrever formas de sofrimento que não deixam de ser sofisticadas, de enorme eficácia para outros modos de dor. E nossos ambientes nos oferecem a proximidade de formas contundentes desse sofrimento. Elas estão próximas,

muito perto de nós.

A falta de expectativas e horizontes, impulsionados pelas urgências diárias, gera inúmeras pessoas desfavorecidas, que parecem não ter em suas próprias mãos, não só seu destino, mas seu cotidiano. O sofrimento pelos direitos afetados e pelas oportunidades ausentes ou perdidas, pelas perspectivas turvas, pelo que pode ter sido conseguido e talvez falhado, deve atingir a todos nós, e essas questões não devem estar distantes de nós. Mesmo que, nesse caso, acreditemos que podemos escapar de seus efeitos. Sem essa atitude, a ética é vazia e vã, e a educação não só é desprovida de valores, mas perde seu valor.

O bem-estar não é simplesmente uma questão pessoal. Se não for coletivo, tem outros nomes. Não se trata de proporcionar o mero conforto, a resignação ou a exclusão, sob o pretexto da impotência.

Daí a importância da educação como a pedra angular de uma mudança estrutural inevitável para o progresso e o desenvolvimento de nossas sociedades. E a necessidade de uma mensagem de exemplaridade e compromisso que hoje, em tempos de tanta lamentação, são essenciais. E a necessidade de responder aos problemas, isso é responsabilidade. E, para isso, devemos vincular o conhecimento à iniciativa social e institucional, a fim de





realizar uma tarefa comum e coletiva.

Por isso, agradecemos este ato. É uma prioridade, os mais vulneráveis, os mais necessitados, os mais desprotegidos, os mais indefesos, os mais desfavorecidos, os mais pobres, os menores. E não apenas em idade, mas também em possibilidades. A ética enfrenta a desigualdade.

Educar é um requisito essencial para um sistema democrático. Sem democracia, pode haver alguma educação, mas sem educação não pode haver democracia. Além disso, quanto maior for a qualidade de nosso sistema democrático, maior será a qualidade de nossa educação, e vice-versa.

tomada de decisão. Portanto, a participação pessoal não significa tomar parte, mas sim fazer parte. Não é apenas uma questão de falar para os professores ou conversar com eles. Trata-se também de criar as condições para que eles se expressem.

Para isso, é essencial que os professores possam desempenhar seu trabalho em um clima de respeito, tolerância, participação e liberdade. Para que essa transmissão de valores seja efetiva, também é necessário um maior envolvimento de todos, da comunidade educativa, das famílias, dos agentes sociais, das administrações, dos partidos políticos e dos meios de comunicação e, em geral, de toda a sociedade, para que assumamos com responsabilidade os direitos e deveres e vivamos a solidariedade e o respeito pelos outros.

“ Educar na palavra, educar na escuta, é o cultivo da ética democrática. Diante do falatório incessante, que confirma nossas andanças errantes e isoladas, precisamos de pessoas de palavra. ”

A educação garante o futuro da democracia porque, como acontece em todas as sociedades, é também o meio de transmissão de valores entre gerações.

Em nossa sociedade, esses valores são valores democráticos que se referem à solidariedade, à convivência democrática e ao respeito pelas diferenças individuais, com o objetivo fundamental de alcançar maior coesão social.

Os valores são necessários. O conhecimento também, mas sem valores o conhecimento perde seu significado. A dificuldade está em como eles são transmitidos, recriados e melhorados. Precisamente 5 de outubro é o Dia Mundial dos Professores, com o lema “Rumo a um novo contrato social para a Educação”. É decisivo incorporar os pontos de vista dos professores às políticas educacionais e aos processos de

E é essencial criar um ambiente que seja coerente com os valores que queremos viver e com os quais queremos conviver.

A educação é e faz cidade. A ética não é simplesmente um assunto pessoal.

Temos que incentivar e promover uma educação integral que favoreça a formação dos alunos como pessoas, como seres humanos e como cidadãos preparados para enfrentar um mundo aberto em um processo contínuo de mudança. Cidadãos e cidadãos ativos que pensem sobre o que aprendem e que nunca deixem de se perguntar pelo conhecimento que adquirem, que duvidem, que questionem o que lhes é ensinado, que proponham novas verdades com uma consciência crítica. A educação não é uma simples e passiva aquisição de conhecimento, ela contém muitos outros objetivos além da



empregabilidade, que, embora decisiva, não deve ser reduzida ao adestramento.

A democracia baseia-se na ideia de que ninguém possui a verdade absoluta, de que a palavra não é patrimônio de um único indivíduo ou de uma formação, não pertence a ninguém. A palavra é diálogo, acordo, consenso. A palavra é de todos e a cada um, a todas e a cada uma; a conversa é indispensável no espaço do que é discutível, do que é debatível, no qual é imprescindível decidir. Educar na palavra, educar na escuta, é o cultivo da ética democrática. Diante do falatório incessante, que confirma nossas andanças errantes e isoladas, precisamos de pessoas de palavra.

A educação e a palavra têm uma enorme capacidade de criar identidade na comunidade. Mas comunidade não é isolamento, nem afastamento, nem exclusão, mas sim o contrário: é abertura, avanço e inclusão permanente. É um conjunto de pessoas que decidem compartilhar e desenvolver seus interesses comuns. Isso

significa entender que o ódio é a maior submissão àquele que é odiado.

Desta forma, a ética está ligada à prática de cuidar de si mesmo e dos outros. Mas, para consolidar a democracia, é indispensável lembrar que esse cuidado precisa de instituições justas, palavras justas, soluções justas, seres humanos com horizontes de justiça. Educar para o reconhecimento, o respeito e o afeto pelas instituições democráticas é uma tarefa decisiva. Trata-se de atender à necessidade e de oferecer canais institucionais para poder promover e viver uma vida democrática. Não existe democracia sem um coração ético em um organismo integral e inclusivo. A falta dessa formação faz as democracias cambalearem.

“ É essencial criar um ambiente que seja coerente com os valores que queremos viver e com os quais queremos conviver ”

